



UMA VISTA DE LOURENÇO MARQUES

## LOURENÇO MARQUES

Esta nossa prometedora possessão africana, que faz parte da provincia de Moçambique, foi descoberta em 1544 pelo navegador portuguez Lourenço Marques. Dois annos depois, 1546, o mesmo Lourenço Marques, por ordem d'el-rei D. João III, reconheceu detidamente a bahia e os rios do districto, e desde logo se começou a fazer alli o resgate do marfim.

Os portuguezes fixaram se n'aquelle ponto, levantando uma fortaleza e uma feitoria. Apesar das investidas dos hollandezes, dos inglezes, dos francezes, e até dos austriacos, por diferentes occasiões, a nossa bandeira ainda se conserva alli hasteada. É a força, não das armas propriamente, mas da razão e da justiça, que nos tem salvaguardado.

A bahia de Lourenço Marques, com 25 milhas de extensão e 18 de largura, constitue um bello e seguro ancoradouro para navios de grande lotação.

As pessoas que tem frequentado aquellas paragens são concordes em dizer que o districto de Lourenço Marques pôde vir a ser uma das mais prosperas colonias portuguezas, logo que se estabeleçam com a fertil republica do Transvaal communicações acceleradas. De facto, pensa-se em construir um caminho de ferro. Oxalá que se não demore a execução do plano, com o que muito tem a lucrar o nosso Portugal.

## A FLOR DO PARAIZO

(SOBRE UM MOTIVO DE ANDERSEN)

(Conclusão)

Fallou-se muito, pelos casaes proximos, na morte da gentil menina, que durante mezes, quasi todos os dias, os camponios tinham visto passeando pela floresta, ou pelas veigas floridas, animando tudo com a sua gentileza; fallou-se muito, e até constou na aldeia proxima, onde morava o hervanario, o qual ouviu com muita attenção a historia da joven enferma, e do seu muito amor por certa planta rara que na floresta crescia sob o cedro mais alto.

— Assim que chegue a primavera vou á floresta ver a tal planta, disse o hervanario.

Era um homem muito vivo, grande esperto na sua aldeia, muito curioso e mechido, era o doutor alli do sitio. Era elle que ajudava á missa, exclamando com grande pompa — *Et cum spiritu tuó!* Elle fazia as contas dos lavradores e da junta de parochia, lia e escrevia as cartas dos camponios, e até sabia fazer requerimentos; era um sabio; mas a sua principal especialidade, não contando as vidas alheias, era a sciencia daservas; sabia onde ellas se encontravam, e quando estavam em flôr ou com a semente madura, e as virtudes de todas ellas; colhia muitos moldes e canastradas que ia vender ás boticas e drogarias da cidade; elle mesmo sabia fazer

cosimentos e unturas, para a gente e animais, que na aldeia pouco differem. Chegou a primavera; o hervanario pôz-se a caminho, não descançou em quanto não viu a planta do paraizo, sob o grande cedro da floresta. A planta estava em plena florescencia, no encanto das suas flôres divinas, da fresca folhagem virente, dos calices trasbordando nectar e aromas. Vivera apesar dos espinhos dos tojos, da aspera carqueja, resistiu ás geadas, salvou-se dos estios abrazadores, e o braço herculeo do cedro amparou-a contra a rajada; agora, em minutos, o hervanario ávido e estúpido, pensando só no interesse, cortalhe as hastes de um golpe, reduz a planta a fragmentos, enchendo a sua canastra.

— Parece não haver outra planta d'esta qualidade, disse elle depois olhando em roda, não tem duvida, a raiz dará novos rebentos; e partiu muito contente.

Ganhou bons tostões; espalhou que a planta da menina branca tinha virtudes raras, o cosimento das folhas curava febres, os rebentos pisados saravam feridas, e o xarope das flôres era bom para o peito; vendeu tudo por bom dinheiro e voltou na seguinte primavera, mas a planta não rebentara; e elle, procurando muito, conseguiu apenas descobrir alguns restos da raiz, mirrados, informes.

— Não devia ter cortado tanto, disse elle então, fiz mal; matei a planta maravilhosa. Aproveitemos ainda estes restos da raiz. Torrou-os, reduziu-os a pó, e fez pillulas para curar dôres. Assim desapareceu a planta do paraizo.

— Não fez falta, dizia o tojo.

Só o velho cedro se lembrava ás vezes da sua belleza e perfume.

— Partiu, tão cedo! era tão graciosa, tão aromatica! dizia elle á aragem, lá nos altos cimos, nos seus momentos de poesia.

Um dia espalhou-se entre o povo uma noticia assustadora; el-rei estava enfermo; os medicos mais afamados reuniram-se em demorada conferencia, todos muito sabios, e todos de opiniões diversas, de modo que no fim da conferencia estava perfectamente averiguado que se não sabia que doença tinha el-rei, e que assim lhe ameaçava a vida, ameaçando tambem a paz da nação. Era grande a anciedade na côrte; já todos receitavam, e discutiam o tratamento; algum se lembrou então de ter ouvido fallar de certa planta maravilhosa que vivia na floresta sob o grande cedro; attribuiam-lhe curas admiraveis; talvez ahi estivesse a salvação d'el-rei, e o socego do povo. El-rei mandou logo buscar algumas folhas e flôres; partiram os corteziões a todo o galope; em breve voltaram, os rostos esmorecidos, as mãos vasias; não tinham achado a planta. El-rei então irritou-se muito e resolveu-se a ir em pessoa ao sitio indicado, com a sua côrte, os seus medicos, e o sabio botanico; chamaram gente dos casaes, da aldeia, não escapou o hervanario, para ensinar o caminho, e indicar o sitio.

Nem vestigios de tal planta! O hervanario arrepellava-se.

— Grande pateta eu fui! se não cortasse toda a planta teria agora um remédio para el-rei! ficaria hervaniario da casa real! Se ao menos tivesse guardado um bocadinho, uma pillula do seu pó! podia vendel-a agora por bom dinheiro!

— Estupido! bradava el-rei, e com el-rei a côrte toda e os sabios medicos, não viste tu logo o grande merecimento da maravilhosa planta?

— Tem razão, carradas de razão, agora é que eu vejo o mal que fiz; mas, real senhor, n'aquella occasião eu só vi os tostões que ella me rendia immediatamente. Oh! se eu adivinhasse!

— E o senhor botanico, tambem não tratou de conservar a maravilhosa planta? não plantou uma estaca, não colheu uma semente para a propagar? guarda apenas na sua collecção, em papel pardo, o raminho secco, sem seiva nem aroma?

— Senhor, disse o sabio botanico, impertigando-se muito, e anediando a barba e a cabelleira, a planta por mim descoberta e que tive a gloria de apresentar á academia, que em homenagem a tão importante conquista scientifica lhe deu o meu nome, na sua fórma latina, era uma planta que os antigos botanicos ignoraram completamente. Nem Plínio o naturalista, nem...

— Ora, valha-o Deus, senhor botanico!...

— O sabio só pensou no seu nome, e na sua posição academica, disse o cedro lá em cima á aragem que passava, e o hervaniario só tratou do seu interesse.

El-rei ficou muito irritado, e pezaroso por se ter perdido a maravilhosa planta.

— E acontece semelhante desastre aqui, na minha propria floresta! E assim perece, assim se perde completamente uma planta que talvez agora debelasse a minha enfermidade e garantisse a paz do meu povo!

Verdade é que el-rei passara algumas vezes alli pelo sitio, mas sempre com muita pressa, caçando os cabritos montezes e os velozes gamos, e nem sequer reparava na planta do paraíso.

— Ha de erguer-se aqui uma lapida commemorativa para lembrar aos vindouros a planta maravilhosa, para que elles saibam que foi no meu reinado que viveu esse prodigio.

Toda a côrte applaudiu a lembrança; o sabio botanico offereceu-se logo para compor uma inscripção latina.

— Em vida não fizeram caso d'ella, deixaram a morrer miseravelmente, murmurou o cedro; agora prestam-lhe tardias homenagens. Só aquella criança de tão mysteriosa belleza, cheia de sonhos, de celestias enthusiasmos, que por vezes vinha embalsamar-se no seu perfume, enfeitar-se com as suas flores, admiral-a em extasis, horas e horas, sentada á sombra das minhas largas ramagens, só essa soube apreciar bem a planta do paraíso; cedo deixou o mundo, e os homens ignoram que sob a cabeça lhe collocaram o livro do seu poeta querido, e entre as paginas a flôr da planta do paraíso.

Desde então foi aquelle sitio da floresta muito visitado; todos fallavam da planta prodigiosa, a mais pura belleza do paiz, que tão ignorada vida

alli passara. O sabio botanico publicou uma descripção que foi premiada com a medalha de ouro pela sociedade phytographica, valendo-lhe a nomeação de socio correspondente de 27 academias variadas. O hervaniario era muito procurado pelos viajantes para dar informações minuciosas, e ensinar o caminho, recebendo boas gorjetas. O tojo, a carqueja, os fetos e os musgos mudaram de pensar.

— Conheci-a de pequenina, quasi que a vi nascer, dizia o tojo aos rebentos novos, era uma planta muito gentil; fiz o que pude para a salvar, impossível! mas se o hervaniario se chega para mim espetava-o.

— Tambem não tens geito para outra cousa, dizia o cedro.

— Eu dei-me perfeitamente com ella, notava a carqueja, nunca a arranhei.

— Outra que tal, murmurava o cedro, não a arranhou porque a planta do paraíso nunca se chegou para ella.

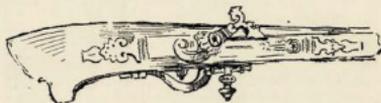
— Não te afflijas, cedro, dizia a aragem, é o mundo; tu és vigoroso e tens larga vida, mas prendem-te as raizes no chão, e eu viajo constantemente, tenho visto muito; as plantas mimosas vivem mal e morrem depressa, os tojos vegetam perfeitamente; herva ruim não cresta a geada.

— Desconhecida, despresada na vida, e explorada depois de morta! Só o gentil espirito, o meigo coração da formosa doente a conheceram e estimaram bem.

— Almas gentis e corações meigos são flores do paraíso tambem, dizia a aragem ao cedro, ciciando nas ramagens frondosas.

FIM

GABRIEL PEREIRA.



## EM CRIANÇA

(AO SYMPATHICO MENINO JOÃO DE PENHA SALEMA COUTINHO)

No meu tempo de criança  
Gostava de andar aos ninhos  
Para lhe apanhar os ovos  
Ou matar os passarinhos.

Era todo o meu pensar  
Fazer mal ás avesinhas!  
Nem ao menos escapavam  
Innocentes andorinhas!

Mas, um dia, arrependido  
De ser tão mau, protestei  
Em não tirar, no futuro,  
A vida a quem a não dei.

Cuba, 30 de agosto de 1883.

JOSÉ JOAQUIM FITTAS.

## A MALDADE DO PEDRINHO

Era no mez de setembro, o mez das ferias, o mez da alegria para os rapazes.

O Pedrinho fôra com a sua familia para Algés, onde tencionavam tomar banhos. Preso todo o anno ás obrigações collegiaes, gosava loucamente a liberdade que desfructava agora. A praia era

— Pois sim! — respondeu o outro que, na influencia da brincadeira, não reparou n'um sorriso do Pedrinho, sorriso que bem denunciava que o diabrete levava a sua figada.

Os dois amigos cavaram com as mãos na areia, e o Henrique sentou-se na pequena cova



Vejo pelo seu ar compungido que se arrepende do que fez.

pouca para elle. Corria, saltava, rebolava-se pela areia n'uma doidice de pasmar.

Como era natural, arranjou depressa um companheiro de folia. Andavam os dois uma tarde na brincadeira, imaginando mil divertimentos, quando o Pedrinho teve uma idéa, que não foi das mais felizes.

— Ó Henrique — disse elle ao companheiro — vamos nós esconder-nos na areia?

— Como?

— Ora como! Faz-se uma cova, tu mettes-te dentro, e eu vou-te deitando areia por cima. Depois tu fazes-me o mesmo.

aberta. Depois, o Pedrinho foi-lhe lançando areia por sobre as pernas, n'uma camada muito soffivel; e mais, e mais, de modo que o pateta do Henrique só tinha de fóra a cabeça e parte do peito.

— Agora tu — disse elle.

— Pois sim, cobre-me! — respondeu o travesso Pedrinho, rindo a bom rir.

O companheiro tinha os braços presos, e as pernas; não podia mexer senão a cabeça.

— Cahiste na arriosa, meu palerma! — gritava o Pedrinho, continuando a rir ás gargalhadas. — Então não vens enterrar-me?...

O Henrique estava desesperado, diligenciando em vão desembaraçar-se da areia.

— Surriada! surriada! Estás ahí preso á minha ordem! Que me dás para eu te soltar?

O outro não respondeu; era soffredor e caprichoso.

— Ah! não dizes nada? Olha que eu deixo-te ficar ahí.

Silencio.

— Então não me pedes que te solte?

O Henrique nem pio.

— Pois adeus!

E o travesso afastou-se, deixando o outro enterrado na areia.

Ao ver-se só n'aquella triste posição, o Henriquinho começou a chorar e a gritar. Felizmente, veiu em seu auxilio uma senhora que andava passeando alli proximo, a quem elle contou o succedido.

— Mas porque não lhe pediu o menino que o desembaraçasse da areia?

— Porque estava muito offendido. Um amigo não faz semelhante coisa a um amigo. O Pedro foi muito mau.

A senhora consolou o Henriquinho, dizendo-lhe que não passava tudo d'uma brincadeira de creanças, e que o Pedrinho viria pedir-lhe perdão.

A bondosa senhora encontrou mais adiante o nosso heroe, e, na qualidade de amiga da familia, censurou-lhe a maldade.

— Nunca devemos abusar da amizade, disse-lhe ella. — Muita gente imagina que o titulo de amigo dá direito a todas as liberdades. Não é assim. Vejo pelo seu ar compungido que se arrepende do que fez. Bom será que seus paes ignorem a sua maldade, que de certo lhes causaria grande desgosto. Ora imagine o Pedrinho que eu não estava alli; que ninguem ouvia o choro e os gritos do seu amigo! N'isto enchia a maré, e o desgraçadinho morria afogado!

O Henrique desatou a chorar.

— Eu sou muito amigo do Henrique! — murmurou elle.

— Bom, bom! — voltou a senhora, satisfeita. — Vejo que tem bom coração. A sua maldade foi uma simples loucura de rapaz. Tem duvida em ir pedir perdão ao seu amigo?

— Não, minha senhora; só receio que elle não me perdoe...

— Vamos vêr isso.

A senhora foi procurar o Henriquinho, e conseguiu sem difficuldade que os dois amigos fizessem as pazes.

— Ha de sempre lembrar-me uma coisa que V. Ex.<sup>a</sup> me disse ainda agora—declarou commovido o Pedrinho, depois de abraçar o seu companheiro.

— O que foi? — perguntou a senhora.

— «Que nunca se deve abusar da amizade.»

MATTOS MOREIRA.

## DIALOGOS INSTRUCTIVOS

### OS DEFENSORES DA AGRICULTURA

(Conclusão)

— Se começassem a matar para ahí a torto e a direito todos os animalejos que encontrassem

—proseguiu o bondoso medico— de certo succederia, por ignorancia, destruir em animaesinhos inoffensivos e uteis. Não ha ainda muitos dias que eu presenciei um caso d'esses. Vinha eu a entrar na praça, quando vi o filho do José da Eira arrastando pelo chão, preso a um cordel, um pobre ouriço, que matara no pomar. O pateta mostrava-se muito ufano do seu feito, porque nem pela cabeça lhe passava que tirara a vida a um dos nossos melhores amigos, ao protector dos nossos campos e das nossas pessoas. O estouvado ignorava que o diligente ouriço não só destroe os ra-

tos, as lesmas, as doninhas, os lacraus, como nos livra da perigosa vibora, de que lhes fallei ha

pouco. Bem felizes são as terras onde abundam os ouriços! Póde a gente passear á vontade pelos campos e pelos bosques sem receio de encontrar animaes venenosos!

O porco, do mesmo modo que o ouriço, possui o privilegio de affrontar a mordedura das cobras e a picada dos lacraus; mas como este pachyderme<sup>1</sup> desenraiza ás vezes as arvores novas, ha todo o cuidado em não o deixar entrar nos bosques recentemente plantados. Portanto, só fica para nós defender o utilissimo ouriço; fazer-lhe mal é, pois,

Dá-se o nome de pachyderme aos animaes de pelle muito dura.



ingratidão e grande crueldade. Não se esqueçam d'isto.

— Eu cá não me esqueço — disse um rapazote, que estava muito attento.

— E agora vou deixal-os, meus rapazinhas. É quasi noite, e tenho ainda muitas voltas a dar.



Quando o medico se levantava para retirar-se, os rapazitos soltaram um grito de medo, porque um morcego lhe tocara quasi na cara com as azas.

— Que susto é esse? — perguntou rindo o doutor. — Receiam que esse passarito me leve o nariz? Soceguem; o morcego só faz mal aos insectos que andam no ar á hora do crepusculo. É elle que nos livra d'esses milhares de mosquitos cuja picada tanto nos incommoda. O morcego e o sapo começam á mesma hora as suas caçadas, um nos ares, outro no chão; são ambos guardas da noite, e ambos, coitados! inspiram geralmente repugnancia. Não sigam esse preconceito, rapazinhas; habituem-se a não julgar simplesmente pelas apparencias. Os mais formosos animaes não são os mais uteis, assim como nem sempre os meninos bonitos são os melhores. A bondade vale mais que a belleza.

Adeus, meus amiguinhos. Recomendem-me a seus paes; e se elles se admirarem de ver a minha horta sempre cheia de legumes e hortaliças, e as arvores carregadas de fructa, digam-lhes que os passaros, seguros de terem na minha propriedade um abrigo tranquillo, correm para lá aos bandos; que as toupeiras abundam nos pomares, furando a terra á sua vontade; que os sapos passeiam livremente por entre a alfaca e as couves; que os ouriços andam por alli tanto a seu gosto, que chegam a entrar-me em casa; e accrescentem, meus amiguinhos, que, em virtude da vigilancia de todos esses utilissimos animaesinhos, tenho quasi certa uma abundante colheita. O doutor André não é tão tolo que vá destruir os zelosos servidores que tanto contribuem para a sua prosperidade, e que em paga dos seus serviços exigem... nada, absolutamente nada.

## GIGI OU A DESCOBERTA D'UMA VOCAÇÃO

(Imitação)

POR MARIA RITA CHIAPPE CADET

VII

Entretanto o *general* Gigi, tomando um ar muito serio, estava pensativo, cabisbaixo, fingindo retorcer o bigode. Era preciso, antes de castigar os criminosos, ouvi-los primeiro; poderiam allegar algumas desculpas plausiveis que atenuassem o rigor da sentença; communicou isto ao seu *conselho*.

— Ouçamol-os, disseram os officiaes.

O *general*, o capitão, e o tenente assentaram-se n'uma pedra que havia á entrada do terreiro.

Os desertores compareceram diante d'elles, *tremiam como varas verdes!*

— Sabem de que são culpados? disse asperamente o *general* Gigi. Passaram-se ao *inimigo*, em tempo de guerra com *armas e bagagens!* Porque commetteram esse crime? Defendam-se, se podem! E dirigindo-se ao mais velho: vamos a saber, Gustavo, porque fugias para o *campo inimigo?*

— Porque as meninas Guimarães tinham prometido laranjas doces a todos os que fossem do partido do capitão Raul.

— Oh! que desculpa, guloso!!! É detestavel vender a sua honra por uma laranja doce!!! E tu, Camillo?

— Eu porque o Gustavo me chamou e me disse «vem commigo»; eu fui para ver onde elle me levava!...

— Outra desculpa ainda peor, porque é estúpida. Que riso tão alvar!

— Idiota! alvar! repetiram os membros do *conselho*.

— Fuzilados! disse o *general*, ambos immediatamente.

— Fuzilados! repetiram o capitão e o tenente. Gustavo e Camillo foram encostados ao muro, e já se preparavam os seis soldados que deviam fuzilal-os, quando as meninas Guimarães vieram lançar-se aos pés do *general* a pedir-lhe o perdão dos condemnados... *era tingir de sangue os louros da victoria.*

— Mas a disciplina militar! o artigo do livro do avô?... dizia o capitão.

— É verdade, a disciplina, o livro... repetia o tenente.

Todavia a humanidade triumphou. Os prisioneiros foram desatados pelas mimosas mãos das meninas Guimarães, e, tiradas as vendas dos olhos, vieram prostrar-se aos pés do *general* Gigi, agradecendo-lhe a sua *magnanimidade*.

Um grito geral de triumpho e de alegria rematou esta tocante scena, e as meninas, enquanto o exercito se punha de novo em ordem de marcha, vieram com a sua preceptora, que estivera vendô tudo no torreão, para casa de Bertha, afim de saudar o regresso do *general* Gigi.

Quando este chegou defronte da quinta, vieram ao portão as tres meninas. Bertha offereceu-lhe uma corôa de louro entretrecida por suas mãos, e as outras meninas dois ramos de flores.

Gigi sentia-se feliz; era decididamente um grande *general*.

Assim que chegou ao quartel, o seu primeiro cuidado foi indagar a sorte do *espíão*; era um pobre surdo mudo que tinha vindo trazer umas galinhas a uma quinta e que por travessura saltara o muro em vez de sahir pela porta; como não fallava nem ouvia, o *general* Vasconcellos quando chegou á quinta da neta deu-lhe um tostão e mandou-o embora.

Então Gigi occupou-se de distribuir recompensas honorificas, cruces e commendas; e aos que se tinham distinguido mais, condecorou-os com a medalha militar. No momento de pregar a ultima commenda no peito do agraciado, ouviu-se uma gargalhada geral: eram as suas calças que, rotas no Joelho, todo um lado e mesmo em mais algumas partes, deixavam ver as ceroulas por entre os rasgões, attestando como se tinha corajosamente batido.

O capitão Raul declarou soffrer muito em consequencia de grandes contusões recebidas na batalha, e pediu para ser conduzido á ambulancia.

Na sua qualidade de prisioneiro foi para sua casa, acompanhado pelo regimento.

Gigi ficou só no jardim entre a mãe e o avô. O velho *general* estava contentissimo da victoria ganha pelo neto.

Não succedia outro tanto á mamã, que acabava de ver o triste estado em que estavam as calças e a jaleca do filho.

— Que pessima brincadeira! disse ella, entre risonha e zangada.

— Mas não, filha, não, respondeu o velho *general* Vasconcellos. Não foi uma brincadeira inutil nem má. Isto fórma, divertindo-os, estes pequenos destinados a serem um dia todos soldados.

— Sim! todos soldados!... exclamou o *general* Gigi, cheio de enthusiasmo.

A mãe suspirou, passou-lhe a mão pelos bastos anneis da sua cabelleira loura, e apertando-lhe a cabeça contra o peito, conchegado-o a si, como se temesse que um dia o tributo de sangue viesse roubar-lh'ò, murmurou com tristeza:

— Ah! porque será preciso guerrear?!

— Mas, para defender a patria, minha filha.

— Sim, mamã, para defender a patria! respondeu o *general* Gigi muito convicto. O velho

avô sorriu-se d'aquella seriedade entusiastica do neto.

— E sabes tu o que é a patria?

— Ora essa! respondeu o rapazinho. É a terra onde se nasce.

— A patria, replicou o velho *general*, é o paiz dos nossos paes, o paiz que nossos avós formaram e defenderam, onde viveram unidos pelos mesmos pensamentos, impellidos pelas mesmas necessidades, inspirados pelas mesmas paixões, animados das mesmas esperanças, paiz pelo qual soffreram e derramaram o seu sangue, e que nos foi legado cada vez mais bello, mais forte, mais intelligente de epocha em epocha, para que o deixemos como herança aos nossos descendentes, mais bello, mais forte e mais intelligente ainda!

A patria não é sómente a terra onde se nasce, como tu dizias ha pouco, a patria é uma *alma* feita de todos os soffrimentos, de todos os trabalhos, de todas as virtudes, e de todas as sciencias adquiridas por nossos paes. Aqui está o que é preciso guardar.

Não sei se para o futuro as rivalidades das nações acabaráo por se extinguir, succedendo-lhes uma doce confraternidade. Desejo-o... e... espero-o!

Mas hoje em dia ha só um dever para nós: — Amar a patria e saber defendel-a.

— Avô, diz o *general* Gigi quasi solemnemente, avô, quero ser militar!

FIM

## ALEGRIAS

Dizia um hespanhol, muito ufano da sua descendencia:

— Meu pae foi o homem que mais ruido fez n'este mundo!

— Ora essa! então quem era teu pae?

— Era tambor de regimento e serviu durante 50 annos.

Disseram a um porteiro d'um museu, na occasião de ser admittido, que as pessoas que entrassem deviam deixar a bengala ou chapêu de chuva ao bengaleiro.

D'ahi a pedaço entrou um sujeito com as mãos nos bolsos; o porteiro impediu-lhe logo a passagem, dizendo:

— V. S.<sup>a</sup> não pode entrar.

— Ora essa! porque?

— Porque tem de deixar aqui a bengala.

— Mas se a não trago!

— Peior para o senhor, que tem de a ir buscar.

Éra esperto este porteiro!

## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

98, Herminia — 99, Porta — 100, Maria — 101, Aipo — 102, Francolim — 103, Soneto — 104, Evaristo — 105, Calamento — 106, O carneiro — 107, Taranca.

## HORAS ENTRETIDAS

108 — CHARADA

O arbusto que aqui vês — 1  
 Sahe do forno sem cntrar — 1  
 Procura um animal  
 Se queres esta decifrar.

Monchique

109 — CHARADA NOVISSIMA

Em Italia, este rio, é um instrumento — 1 — 1

CUNHA & C.<sup>a</sup>

PETIT GARÇON.

110 — CHARADA DECAPITADA POR LETRAS

O Antonio tinha muita — para enganar a — que —  
 quando — alguma parte.

Vizeu

BÉBÉ.

111 — CHARADA NOVISSIMA

Morder, isolado, é uma côr — 2 — 1

Balear

FANTOCHE.

112 — CHARADA NOVISSIMA

Este rio e reptil é cidade — 1 — 3

Lisboa

TITERE.



## VERSOS AO JULIO

## A GIRAFÁ MORALISTA

N'um terreno abandonado,  
 Ermo, distante, remoto,  
 Vivia um rato pellado  
 Do tempo do terremoto.

Ha muito que elle era o rei  
 D'essa vasta serrañia;  
 Onde, porque não no sei,  
 Mais nenhum rato apparecia.

Em tudo o rato mandava,  
 Quer na planície ou na selva,  
 Nos montes de esteva brava,  
 Nos campos de extensa relva.

Aquelle excelso senhor,  
 Dono de vastos terrenos,  
 Era o tyranno, o terror,  
 Dos outros bichos pequenos.

Os grillos da visinhança,  
 Andando á caça da alfauce,  
 Tremiam só co'a lembrança  
 De que o rato os apanhasse!

A pobre formiga imbelte,  
 As abelhas, os besoiros,  
 Todos tinham medo d'elle  
 Qual d'um chaveco de moiros!

D'esse terror que inspirava  
 Sabia o rato de sobra,  
 E as maldades praticava,  
 Por ser mau como uma cobra!

Um dia, o rato perverso  
 Colhera um ramo de ortigas  
 E andava, em prazer immenso,  
 A espicaçar as formigas.

Mas, sentindo um susto enorme,  
 Avista n'esse momento  
 Uma girafa disforme  
 Caminhando a passo lento.

Debalde o rato se safá  
 Fugindo por entre o matto,  
 Que as pernas d'uma girafa  
 Valem bem mais do que as d'um rato.

Ella em breve ao rato apanha,  
 Que a tremer todo se afflige  
 E ao vêr girafa tamanha  
 Estas fallas lhe dirige:

— Se tu de carne não gostas  
 De rato, que não é moço,  
 Peço-t'ó aqui de mãos postas  
 Não me apanhês p'ra o almoço...

— Não te assassino, descança,  
 Volve a girafa leal,  
 Nem tu me enchias a pança,  
 Nem gosto de fazer mal.

— Que importa que eu ande em cima  
 E que por baixo tu andes,  
 Se Deus tem na mesma estima  
 Quer os pequenos ou os grandes?...

Segue o caminho sereno,  
 Volta a casa satisfeito,  
 E respeita o mais pequeno  
 Como eu a ti te respeito...

Não mais o rato inclemente  
 Aos mais pequenos fez mal,  
 Que apanhou n'este incidente  
 Sabia lição de moral...

D. MARIA DO Ó.